

*De Juan Cuernavaca a Josué Guimarães:
movimentos escriturais nos títulos do
romance Dona Anja*

Luana Maria Andretta

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF) e acervista no Acervo Literário Josué Guimarães (UPF)

Miguel Rettenmaier

Professor Doutor da Universidade de Passo Fundo, coordenador do Acervo Literário Josué Guimarães e das Jornadas Literárias de Passo Fundo (UPF)

Resumo: A investigação de materiais prototextuais em acervos literários é um trabalho complexo e multifacetado, pois depende do olhar interpretativo e unificador de um geneticista. Tudo o que ele reconstrói é um dossiê possível, mas artificial de onde podem sugerir hipóteses para compreender determinados pontos do processo criativo de um escritor. Tendo por base essas concepções, o presente artigo visa analisar os movimentos escriturais – variantes – dos títulos do romance *Dona Anja*, do escritor gaúcho Josué Guimarães em quatro prototextos selecionados no Acervo Literário do autor em questão, da Universidade de Passo Fundo, dentro da categoria de produção ativa do autor. Com contribuições de Biasi (2010), Hay (2007) e Pino e Zular (2009), e por um viés bibliográfico e exploratório, a análise comparativa permitiu criar um espaço de relações por meio das descontinuidades, as quais possibilitaram o levantamento de hipóteses sobre o gesto laboral do escritor em questão. Essas hipóteses confirmam não só a complexidade e assimetria da criação, bem como as rasuras operadas revelam traços de personalidade de quem escreve e operações que se ligam diretamente com a coerência interna da obra.

Palavras-chave: Processo criativo. Acervo literário. Josué Guimarães.

From Juan Cuernavaca to Josué Guimarães: writing movements in the titles of *Dona Anja*'s novel

Abstract: The investigation of prototextual materials in literary collections is a complex and multifaceted work, since it depends on the interpretive and unifying look of a geneticist. Everything he reconstructs is a possible but artificial dossier from which he can suggest hypotheses to understand certain points of a writer's creative process.

Based on these conceptions, the present article intends to analyze writing movements - variants - of the titles of the novel *Dona Anja*, by the writer Josué Guimarães, in four prototexts selected in the Literary Collection of the author in question, of the Universidade de Passo Fundo, within the category of the author's active production. With the contributions of Biasi (2010), Hay (2007) and Pino and Zular (2009), and through a bibliographic and exploratory bias, the comparative analysis allowed to create a space of relations through the discontinuities, which made it possible to collect hypotheses about the work gesture of the writer in question. These hypotheses confirm not only the complexity and asymmetry of creation, but also the erasures revealed personality traits of those who write and operations that are directly related to the internal coherence of the work.

Keywords: Creative process. Literary Collection. Josué Guimarães.

Introdução

As versões e esboços de obras, encontrados em acervos literários, são um vasto e interdisciplinar campo de pesquisa para os geneticistas. Ao entender tais materiais em suas diferenças, e não em suas semelhanças, um novo espaço de significações pode ser estabelecido. Contudo, é apenas por meio de um olhar investigativo e interpretativo que tais gestos podem ser identificados e entendidos em um contexto de criação.

Além de se oferecer como um vasto espaço de possibilidade, o trabalho com arquivos literários é um exercício pautado no levantamento de hipóteses e caminhos sobre a composição de uma obra de arte. Longe das afirmações absolutas e inquestionáveis, o geneticista apresenta possibilidades de leitura e conexão entre materiais do acervo.

Consciente desses aspectos do trato genético, o presente artigo tem por objetivo criar um espaço de relações a partir de movimentos escriturais identificados nas várias versões do título do romance *Dona Anja* do escritor gaúcho Josué Guimarães. Esse espaço de relações validou o levantamento de hipóteses sobre o processo criativo do autor, com o intuito de esclarecer, ou melhor, trazer à discussão o potencial científico dos materiais que por muito tempo foram renegados: os manuscritos.

Movimentos escriturais e a leitura interpretativa dos manuscritos

O processo criativo esconde possibilidades e desdobramentos que se não são conhecidos, são, pelo menos, imaginados por parte dos leitores e, em especial, pelos críticos genéticos que trabalham em acervos literários. As minúcias observadas no tecido da página escondem possibilidades interpretativas variadas. Contudo, depois do processo criativo do autor, “eis enfim o manuscrito sobre nossa mesa. Para chegar até nós ele atravessou a espessura de tempos obscuros, e, muitas vezes, mil aventuras. E agora como fazê-lo falar?” (HAY, 2007, p. 299).

O questionamento do teórico faz ressurgir a interação entre o manuscrito classificado, no caso, o prototexto, e o crítico genético. Com características singulares, ao levarmos em conta que o manuscrito é a materialidade de um documento e que o objeto da crítica genética é o movimento criativo presente nele, concordamos com Pino e Zular (2007) quando afirmam que é a leitura dos manuscritos que constrói o processo de interpretação.

Para Biasi (2010), depois que o dossiê genético é constituído, ou seja, o conjunto de documentos que serão analisados é montado, ele se torna um objeto que será investigado por um viés interpretativo, o qual é variável devido à existência de diversificados pontos de vista sobre o mesmo prototexto. Confirmar essa afirmação é compreender que a crítica genética coloca em centralidade, não o texto sozinho, mas a leitura que o crítico estabelece com ele, permitindo que este possa revisitar os caminhos do escritor sob uma perspectiva particular e inovadora.

É válido ressaltar que esse trabalho do crítico da gênese é dividido em duas linhas, consoante Pino e Zular (2007): a primeira, já proposta por Biasi (2010), é dar a ver os prototextos; a segunda, muitas vezes paralela à primeira, é a construção de hipóteses sobre o processo criativo, atitude que só se concretizará por meio de uma leitura interpretativa. Assim, se é por uma leitura do geneticista, segundo uma perspectiva pessoal, podemos confirmar que o processo de interpretação dos prototextos não é dado pronto pelo manuscrito, como numa vitrine, mas é construído por meio da relação estabelecida entre ele e o crítico.

Retornando a pergunta de Hay (2007), proposta no início do texto, podemos verificar que a resposta dada pelo pesquisador soa bastante simples em sua superfície, fato que não se sustenta em uma análise mais detalhada. Para ele, o trabalho do crítico da gênese inicia na decifração do texto, na compreensão de seus sentidos. Contudo, o

teórico alerta que o manuscrito se apresenta como um desafio a essa decifração e compreensão, “[...] pois suas propriedades são ao mesmo tempo perfeitamente solitárias e perfeitamente heterogêneas.” (HAY, 2007, p. 148). São solitárias porque o manuscrito reúne as diversas formas de significação, construindo um sistema baseado em um único e mesmo objeto. Heterogêneas devido aos diversos procedimentos utilizados para se analisar o nascimento da obra.

Assim, mesmo sabendo da impossibilidade de se reconstruir inteiramente o processo criado pelo escritor, o crítico genético precisa reordenar essa heterogeneidade em uma direção plausível. E, por meio desse gesto, Pino e Zular (2007, p. 30) salientam que a beleza do manuscrito “[...] então também será construída pelo pesquisador.” É nesse ponto que os autores afirmam que o geneticista se torna sujeito e objeto da pesquisa genética.

Os pesquisadores citados apresentam uma crítica à ideia de processo, baseada, especialmente, nos estudos do Michel Foucault. Para eles, é preciso superar a noção de processo e implementar a de arqueologia, pois a escrita não seria *um* processo, mas séries breves e justapostas. Essas séries se organizariam a partir de *descontinuidades*. Dessa forma, é por meio da leitura interpretativa que o geneticista pode deparar-se com diversas mudanças, ou melhor, descontinuidades: “[...] os movimentos identificados em um conjunto de manuscritos não poderiam ser pensados a partir de tendências (identidade entre enunciados), mas das diferenças entre eles.” (PINO e ZULAR, 2007, p. 41).

É evidente que esse novo posicionamento cria questionamentos: como nós, críticos genéticos, poderíamos explicar a criação por meio de rupturas sendo que ela se sustenta, justamente, por continuidades? Como criar explicações e hipóteses com base em hesitações? Tais autores apontam para a resolução: a descontinuidade funciona ao mesmo tempo como objeto e instrumento da análise genética. Objeto no momento em que o crítico averigua o prototexto a procura de tais rupturas. Instrumento quando, após ser detectada, servirá como forma de delimitação do enunciado. É válido ressaltar que o conceito de enunciado ainda é bastante complicado para os estudos de gênese, visto que deve se considerar, além dos aspectos gramaticais internos, as condições de enunciabilidade. Desta maneira, “ao considerar a rasura como descontinuidade identificadora de enunciados [...]” (PINO e ZULAR, 2007, p. 45), o geneticista deve

conseguir reunir essas diferentes rupturas e construir identidades a partir delas para que isso resulte, finalmente, em um espaço de relações no prototexto.

Assim, investigadores de rastros e veredas alineares e heterogêneas, muito mais complexas do que poderia sugerir nossas humildes interpretações, nós, críticos genéticos, isolamos determinados gestos que se impõem devido a sua importância dentro de uma busca traçada por nossos princípios. Nesse instante, os prototextos “[...] adquirem seus contornos sob nosso olhar, movem-se sob nosso olhar, e não fora dele.” (PINO e ZULAR, 2007, 122).

Os teóricos citados acima utilizam as expressões movimentos escriturais e espaços escriturais para o fazer genético. A primeira expressão se refere aos gestos de tensão entre enunciados de dois documentos diferentes, ou seja, as discontinuidades. A segunda aponta para o recorte físico do material analisado pelo pesquisador. Em outras palavras, são os fôlios, os documentos genéticos em que os movimentos escriturais podem ser observados pelo geneticista.

Com os espaços escriturais selecionados, o dossiê está montado e as discontinuidades podem começar a ser levantadas. É válido frisar, no entanto, que a constituição de um dossiê é sempre um gesto artificial de união de papéis sem unidade. Pino e Zular (2007) fazem a ressalva de que todo dossiê é imperfeito e incompleto, mas que unificado pelo olhar de um pesquisador pode apresentar respostas sobre pontos específicos da criação. É o que o subtítulo a seguir busca apresentar.

Movimentos escriturais nos títulos do romance *Dona Anja*

Josué Marques Guimarães, escritor do romance *Dona Anja*, nasceu no interior do Rio Grande do Sul, em 1921. Membro de uma família simples e religiosa, o escritor teve uma infância margeada pelas dificuldades. Depois da Revolução de 1930, a família mudou-se para a capital do estado, onde os pais desempenhavam a função de telegrafistas. Desde cedo, demonstrou pendores para escrita, escrevendo texto para jornais e peças teatrais que eram encenadas na escola. Desistiu do curso de medicina e voltou-se para o jornalismo. Trabalhou em diversos jornais e em muitas funções, demonstrando sua versatilidade com as palavras. Foi o primeiro correspondente ocidental a entrar na União Soviética e na China Continental.

Na seara política, foi eleito vereador, em Porto Alegre, pelo Partido dos Trabalhadores, com quem rompeu, anos depois, devido a tensões ideológicas com a

bancada getulista e brizolista. De acordo com Rettenmaier e Remédios (2006, p.119), “seu temperamento independente não se adequou [...] às determinações partidárias. Não demora muito e Josué deixa o PTB, ingressa no PSB e, logo depois, abandona por definitivo a política partidária [...]”.

Perseguido pela ditadura civil-militar de 1964, Josué viveu grande parte dos anos refugiando-se no interior de São Paulo, sob o nome de Samuel Ortiz. Em 1969, descoberto pelos militares, voltou a Porto Alegre e respondeu processo em liberdade. Esse evento trágico na vida do então jornalista marcaria, e não esporadicamente, sua produção literária vindoura. Esta, por sua vez, se deu mediante uma premiação dada por um concurso de contos do estado do Paraná, ao qual Josué havia submetido três contos: *O princípio e o fim*, *Mãos sujas de terra* e *João do Rosário*. O agora escritor tinha, na época, 48 anos.

Contudo, a entrada oficial de Josué no mundo das letras ocorre com a publicação do livro *Os ladrões*, em 1970. Segundo Rettenmaier (2009, p. 210), “em meio de um ambiente de felizes hipérboles políticas e de delírios econômicos quando ao porvir da Nação, na qual se sufocava as liberdades individuais, nos anos 70, surge a literatura de Josué Guimarães”.

Nos anos que se seguiram, Josué publicou cerca de três novelas e três livros de contos, sete romances, nove livros infantis, uma coletânea de artigos, um relato de viagem e uma peça teatral. Seu espólio, concedido, inicialmente, à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul está, desde 2007, sob a guarda da Universidade de Passo Fundo, contando com mais de oito mil itens. Entre eles estão: originais autógrafos de romances e contos, correspondências ativas e passivas, publicações na imprensa, esboços e notas, memoriabilia, comprovantes de crítica e edição, biblioteca, entre outros elementos, que estão passando por uma reformulação de classificação.

Entre todos esses itens estão os manuscritos e materiais de apoio à redação da obra *Dona Anja*. Lançado em 1978, retrata a votação do divórcio, ocorrida no Brasil em 1977. A narrativa, entretanto, inicia com as lembranças de Angélica, a Dona Anja, atual dona de um bordel numa cidade do interior do Rio Grande do Sul e viúva de um grande coronel da comunidade local. Enquanto seu ajudante, o Neca, a auxilia nos arranjos para a grande noite, Angélica se lembra do passado cheio de lascívia e fartura que tinha ao lado do marido, antes da morte deste. Sua luxúria, diziam as fofoqueiras da cidade,

acabou por consumir as forças do marido que não conseguia mais saciá-la. Sozinha, vendeu o grande casarão por não conseguir mais mantê-lo, comprou uma casa menor e recrutou jovens para um serviço noturno.

Relembrando dessas cenas com carinho e pesar, Dona Anja se dirige para a sala do bordel, onde receberá as mais altas autoridades da cidade, e inspeciona uma por uma das meninas “pacientes e encantadoras.” São seis as prostitutas da casa, que atentas assistem as telenovelas. Aos poucos, fazendeiros, vereadores, um médico, um professor, um delegado e até mesmo o prefeito encontram-se enleados pelos carinhos das moças e os coquetéis da empregada Elmira.

Em meio à ditadura civil-militar, o embate político entre Arena e MDB não deixa de ser retratado. Trocando farpas e insultos, os políticos pregam a moral e os bons costumes na sala do bordel. Conservadores, os representantes da Arena, onde se encontrava o prefeito Francisco Salena, repudiam a validação da emenda proposta pelo senador Nelson Carneiro enquanto os liberais, do MDB, acreditam que ela seja um avanço.

Entre um gole de Vat-69 e uma carícia feminina, a votação se define. O prefeito vai para o quarto com sua preferida, Eugênia. Ao ser avisado de que a emenda fora aprovada, Chico acaba por morrer tragicamente sobre a prostituta, pois havia prometido à amante Isabel, uma jovem de 19 anos, que se casaria com ela se a emenda passasse, contando, evidentemente, com o contrário. No clímax da narrativa, os personagens, extasiados com a morte do prefeito, buscam maneiras de salvaguardar a honra de seu nome e o conceito da respeitável casa de Dona Anja. No mesmo momento, um protesto contra o resultado da votação ocorre na praça da cidade.

Como parte do dossiê genético foram selecionados quatro prototextos pertencentes à produção ativa do autor e, possivelmente, os únicos que se referem ao título do romance em questão, e três das capas publicadas pela Editora LP&M. Os dois primeiros prototextos apresentam traços quirográficos autógrafos enquanto os dois seguintes apresentam um trabalho de edição à máquina. Compreendendo que nem sempre a cronologia proposta pelo geneticista é a elaborada pelo escritor, dispomos os prototextos em duas temporalidades, justificando por meio da construção de hipóteses determinados movimentos escriturais. Ressalvamos que a reconstrução da cronologia sempre é artificial e hipotética:

1ª hipótese:

Figura 1 – 1º Prototexto

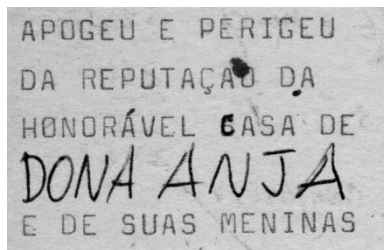
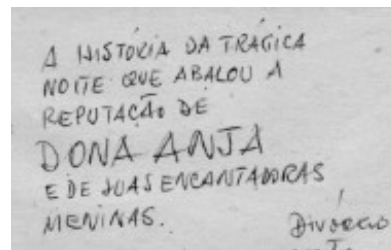


Figura 2 – 2º Prototexto

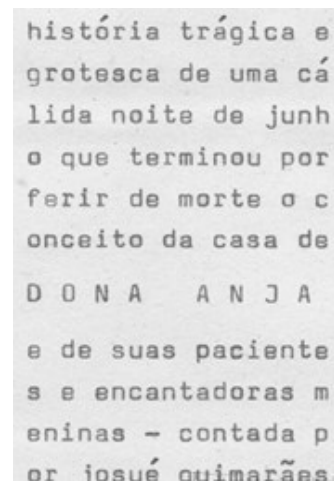


Fonte: ALJOG/UPF

Figura 3 – 3º Prototexto



Figura 4 – 4º Prototexto



Fonte: ALJOG/UPF

Raramente, Josué datava suas escritas e materiais de pesquisa, tornando, assim, tarefa do geneticista a construção de hipóteses sobre a sequência de evolução de seus documentos. Esses prototextos, possivelmente, foram produzidos entre junho de 1977 até antes de outubro de 1978, data da publicação da primeira edição do livro. Ademais, esse arranjo inicial se justifica, primordialmente, pelo conhecimento – ainda que breve – do processo criativo do escritor no que toca ao seu processo de reescrita. Ou seja, tanto o próprio Josué quanto amigos próximos, em depoimentos, afirmam a natureza pouco revisora do autor. Depois de seus escritos tomarem forma pela primeira vez, muito pouco era mudado.

Segundo Machado (1997, p. 159), editor de Josué: “nunca vi Josué alterar um livro quando fazia a sua releitura. As pouquíssimas retificações diziam respeito apenas a

deslizes gramaticais. O livro saía inteiro, acabado, resolvido [...] Justificava dizendo que era um cacoete de velho jornalista que não voltava atrás para ver seu texto.”. Essa visão confirma o modo de trabalho de Josué, o que pode ser verificado concretamente nos prototextos pertencentes ao ALJOG/UPF.

Nesse contexto, um elemento é interessante de discutir em relação ao depoimento de Machado. Nos prototextos selecionados neste recorte de pesquisa, na disposição temporal em que foram colocados, podemos observar um trabalho de lapidação que vai além da correção gramatical, o que não invalida o relato apresentado pelo fato dessa revisão esmiuçada se tratar de uma ação isolada dentro de um contínuo de gestos realizados pelo escritor no momento da escrita. Na construção do título do romance, houve mais atitudes revisionais em relação ao conteúdo do que a forma da escrita.

Contudo, soaria coerente com o processo criativo do autor se as versões se dispusessem da forma como foram colocadas e isso se justificaria da seguinte forma: Josué, em um relato, afirmou “acho importante saber o nome do romance ao começar a escrevê-lo” (GUIMARÃES, 2006, p. 12). Partindo dessa premissa, dada pelo próprio escritor, podemos levantar a seguinte hipótese: o prototexto 1, – que tem por título *Apogeu e perigeu da reputação da honrável casa de Dona Anja e de suas meninas*, foi um título preliminar, desenvolvido na fase pré-redacional ou no início da redacional e teve como intuito guiar o escritor em seu processo criativo.

Dessa forma, os movimentos escriturais já observados no segundo prototexto, também, possivelmente, desenvolvidos antes da redação da primeira versão de *Dona Anja* ou no início desta, atuariam como uma variante redacional, a qual pode possuir diversificados sentidos. A nossa proposta é de que Josué não tenha mantido o primeiro título devido ao fato de conter palavras rebuscadas, especialmente, *apogeu* e *perigeu*. Essa observação se sustentaria por dois motivos. O primeiro, pelo fato de Josué possuir um estilo objetivo e bastante claro de escrita – provavelmente herança do “cacoete de jornalista”. Ele não gostava “de arabescos e bordados intimistas” (GUIMARÃES, 2006, p 11), e algumas palavras do título poderiam, justamente, soar como arabescos.

Essa atitude do escritor, além de vir de uma jornada no campo da comunicação, se deve, como segundo motivo, pela lucidez que ele possuía frente à recepção de Literatura num país com ranhuras culturais como o Brasil. Em uma entrevista, o próprio salienta:

Para mim a literatura é muito simples. No Brasil, a literatura boa é a que vende mais [...] O escritor do povo brasileiro chama-se Jorge Amado. E não só ele, há vários nomes de escritores brasileiros. O Érico Veríssimo é um deles. De grande poder de penetração [...] Você tem que ser um contador de histórias, visando levar ao povo o próprio conhecimento, e uma certa politização [...] Não precisa fazer panfleto, nem boletim de guerrilha, mas pelo menos esclarecer, dizer alguma coisa. De forma literária, mas não preciosista. (GUIMARÃES, 1991, p. 93.)

Devoto da ideia que a Literatura tem por princípio a comunicação e avesso à literatice, Josué era um contador de histórias acessíveis ao público e, portanto, esse traço de sua personalidade pode tê-lo levado a alterar o primeiro título do romance em questão, numa rasura de substituição, para *A história da trágica noite que abalou a reputação de Dona Anja e de suas encantadoras meninas*.

Consideremos um elemento que aparece na segunda hipótese como pertencente ao primeiro prototexto e que ressurgirá modificado nas outras versões, mas que se manterá até a publicação da obra e com qual estabelece um estreito laço de coerência: os termos “encantadoras meninas”, uma rasura de substituição por acréscimo conforme Biasi (2010).

Assim, o terceiro prototexto, *História trágica e grotesca de uma cálida noite de junho que terminou por ferir de morte o conceito da casa de Dona Anja e de suas pacientes e encantadoras meninas – contada por Juan Cuernavaca*, temos novamente rasuras de substituição por acréscimo de termos como “grotesca”, “de uma cálida noite de junho”, “da casa de”, “pacientes e encantadoras meninas” e “contada por Juan Cuernavaca.”.

É interessante notar que “da casa de”, que havia sido suprimida entre o prototexto 1 e o 2, retorna, solidificando, assim, a importância deste espaço para o transcorrer da narrativa. Ademais, a especificação do mês em que ocorrem as ações estabelece diretamente uma ligação com a data real da votação da emenda do divórcio, ocorrida em 28 de junho de 1977. A adição do adjetivo “pacientes” aos termos “encantadoras meninas” constrói uma alcunha que será utilizada para caracterizar as prostitutas do bordel durante toda a obra. Por fim, o acréscimo do nome do porta-voz da

infame história é apresentado: Juan Cuernavaca. Tomado, aqui, como um pseudônimo para Josué Guimarães.

Essa atitude do escritor – a de utilizar outros nomes para assinar sua produção – é algo conhecido da época em que atuou como jornalista: em 1944, possuía uma coluna de críticas sob o pseudônimo de Dom Xicote, no jornal *Diário de Notícias*, que posteriormente acabou por se tornar uma revista autoral com o mesmo nome. O fato se repete anos mais tarde, no jornal *Folha da Tarde*, quando Josué assina uma coluna sobre política como Dom Camilo. Phileas Fogg e Peppone foram outros pseudônimos utilizados por ele. Como podemos perceber, os pseudônimos adotados por Josué, além de demonstrarem humor em sua composição, podem apontar para algumas possibilidades de motivação.

Uma delas era evitar a exposição do nome real por receio de um revide, visto que, nos textos veiculados nesses jornais, Josué fazia ácidos apontamentos sobre pessoas e instituições. Levando em consideração que a obra fora publicada durante o período ditatorial no Brasil (entre 1965 e 1985) e que apresenta uma sátira não só ao período repressivo, mas a entidades políticas, o escritor, que fora perseguido político, teria optado, inicialmente, por preservar-se.

Antes de aludir às outras rasuras, o segundo par poderiam aceitar a ordenação inversa. Ou seja, o prototexto 4 poderia ser, cronologicamente, o 3, sendo que a escolha por mudar o nome Josué Guimarães para Juan Cuernavaca tenha ocorrido na contramão. A volta do nome real do escritor, o qual aparece nos livros publicados, poderia ter sido uma sugestão da Editora. Por isso, na análise genética nada é afirmado, já que a cronologia nunca é perene e certa. Algo que poderia sustentar essa tese seria o fato de Josué preferir escrever a primeira versão manuscrita em folha de jornal, a base do prototexto 4. Entretanto, não acreditamos nessa tese.

Dessa forma, no que toca às outras variantes: a frase “abalou a reputação”, do prototexto 2, deu lugar a “terminou por ferir de morte o conceito”, numa rasura de substituição por acréscimo que tem relação com a morte de um personagem importante da narrativa. Por fim, é retirado, numa rasura de supressão (BIASI, 2010), o artigo definido “a” no início do título.

No quarto e último prototexto, temos o seguinte título *História trágica e grotesca de uma cálida noite de junho que terminou por ferir de morte o conceito da casa de Dona Anja e de suas pacientes e encantadoras meninas – contada por Josué*

Guimarães. Nele, percebemos que o movimento de autopreservação, utilizado no prototexto anterior, deixa de existir, e o escritor assume sua identidade verdadeira, não alterando outro elemento da escrita, numa nova rasura de substituição lugar por lugar.

2ª hipótese

Figura 5- 1º Prototexto

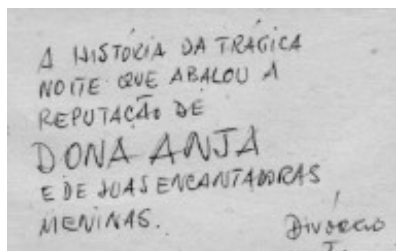
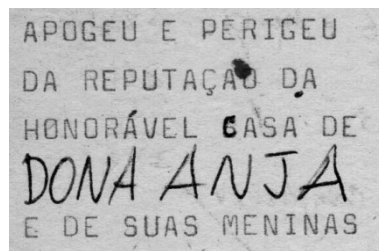


Figura 6 – 2º Prototexto



Fonte: ALJOG/UPF

Nessa nova disposição e mesmo assumindo a ideia de que Josué, com seu “cacoete de jornalista”, pouco altere suas escritas, nada impede que, na verdade, o prototexto tabulado como segundo não possa tomar o lugar do primeiro e que, no terceiro prototexto, a ideia inicial (que, nessa hipótese, seria o prototexto 1) tenha suplantando a segunda, ressurgindo na terceira versão (apresentada anteriormente), mostrando um labor composicional e revisacional muito maior. Essa ideia se sustentaria pelo fato do segundo prototexto ser datilografado, mostrando um gesto que Josué utilizava após suas pesquisas iniciais estarem bem delineadas.

É interessante notar uma alteração feita do último prototexto à versão impressa do livro. Editado pela Editora LP&M, *Dona Anja* está em sua nona edição e possuiu, desde 1978, três capas (figuras 7, 8 e 9).

Podemos perceber que alguns termos foram adicionados na capa da edição de 1978. Ao invés do título finalizar com “contada por Josué Guimarães”, temos “contada com amor por Josué Guimarães e editada pela LP&M”. Não sabemos ao certo se os termos “com amor” foram sugeridos, de última hora, pelo autor ou por parte da editora, como provavelmente foi a parte “editada pela LP&M”. Esses últimos termos foram suprimidos nas edições seguintes e o artigo definido “a” retorna no início do título da última edição.

Figura 7 – Edição de 1978

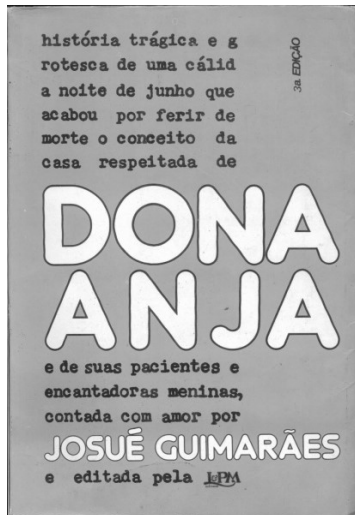


Figura 8 – Edição de 1986

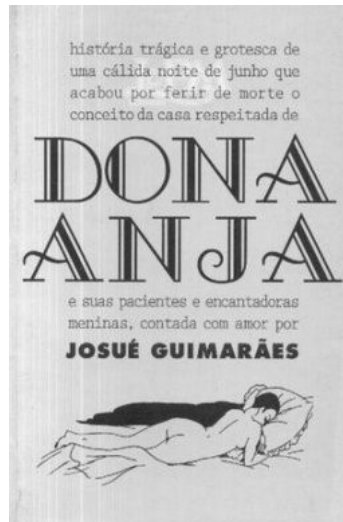


Figura 9 – Edição de 2007



Fonte: site LP&M

A expressão *com amor* é, em uma leitura livre, um acréscimo irônico a uma obra marcada pela ironia e sátira do autor. Em *Dona Anja*, as relações humanas e o instituto família não são margeados pelo amor, e sim pelo interesse e pelo contrato existentes entre as pessoas.

Em relação aos movimentos escriturais, independente da cronologia em que foram escritas, as versões prototextuais indicam movimentos escriturais que auxiliam na reflexão sobre procedimentos do escritor. Esses movimentos e suas significações são mais relevantes para a pesquisa genética do que a mera elaboração de uma linha cronológica dos gestos criativos de Josué. É, somente, por meio deles que traços da personalidade do autor, como sua característica pouco revisacional e sua ligação com a escrita de uma Literatura acessível; bem como elementos que mantêm estreita coerência com a obra, como a permanência da alcunha “pacientes e encantadoras meninas”, puderam ser, concretamente, observados na produção do escritor.

Conclusão

A partir da breve análise apresentada, podemos perceber a natureza do trabalho com arquivos literários. Nós, os geneticistas, estamos situados em um contexto multifacetado, interdisciplinar e movediço: nada pode ser tomado como dogma, pois a reconstrução do caminho traçado pelo escritor, durante o processo criativo, é impossível

de ser feita. Dessa forma, pautado em indícios presentes em prototextos, podemos levantar hipóteses sobre a composição de determinados elementos e propor uma cronologia possível – dentre as várias aceitáveis – sobre o processo escritural.

Disponer os materiais apenas cronologicamente é reduzir as possibilidades de descobertas que um acervo pode oferecer. Assim, o geneticista, pesquisador e objeto de estudo, pode guiar suas análises na direção dos movimentos escriturais, os quais se colocam como uma rica seara de conclusões. Os movimentos aqui tratados revelaram alguns componentes de criação de Josué, os quais foram confirmados por depoimentos do próprio escritor e de pessoas próximas ao seu campo de relações.

As descontinuidades no título do romance *Dona Anja* direcionam o olhar do pesquisador à compreensão de gestos intrínsecos à personalidade de Josué e a escolhas que mantêm estreita relação com a trama da narrativa. Mesmo sabendo da natureza pouco revisora do autor, é inegável que houve processos de substituição e supressão nos títulos da obra. Estes, por sua vez, além de permitirem descobertas sobre o gesto criativo de modo geral, consolidam a ideia de que a escrita é, no mínimo, uma série de processos, mas uma série assimétrica, descontínua e multifacetada.

Referências bibliográficas

BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

HAY, Louis. *A literatura dos escritores: questões de crítica genética*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

GUIMARÃES, Josué. *Dona Anja*. Porto Alegre: LP&M, 1978.

_____; O homem e a obra: as traições de 1964. In: ROSING, Tânia e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Jornadas Literárias: o prazer do diálogo entre autores e leitores*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1991.

_____. *Josué Guimarães: escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.

PINO, Cláudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RETTENMAIER, Miguel; REMÉDIOS, Maria Luiza. Josué Guimarães, um revisor da história. *Revista Desenredo*, v. 2, n. 1, 13 ago. 2006. p.117-126.

RETTENMAIER, Miguel. Josué Guimarães: escrever, ler, amar e transgredir. In: REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel; SILVEIRA, Regina da Costa. *Redes & Capulanas: identidade, cultura e história nas literaturas lusófonas*. Porto Alegre: Editora da UniRitter, 2009, p. 207-223.